



## **DO MATRIARCALISMO AO PATRIARCALISMO: formas de controle e opressão das mulheres**

Vinicius da Silva (1)

*Centro de Ensino Superior Dom Alberto (CESDA)*

[viniciusdsp@hotmail.com](mailto:viniciusdsp@hotmail.com)

Josirene Candido Londero (2)

*Instituto de Pesquisas de Santa Cruz do Sul (IPESC)*

[josirenelondero@terra.com.br](mailto:josirenelondero@terra.com.br)

**RESUMO:** O estudo pretende estabelecer uma comparação entre os períodos do Matriarcado e do Patriarcado nas sociedades, evidenciando a inversão dos papéis, já que no primeiro período da História, o domínio era feminino e, na segunda fase, verificou-se o subjugo delas em função do empoderamento deles, mais precisamente, a partir da Idade Média, com os poderes conferidos pela Igreja aos homens em relação às mulheres. A chamada Caça às bruxas foi o mais repugnante período da História, já que a própria Igreja permitia e patrocinava sessões de torturas às mulheres, por conta de uma possível ligação com o demônio. O presente estudo apresenta os resultados de pesquisa qualitativa, orientada pelo método dedutivo e baseada na revisão bibliográfica sobre a temática. Os resultados obtidos conferem com a proposta do estudo, concluindo-se que as sociedades somente deixaram de ter orientação matriarcal, em função da necessidade da força física para a guerra e para a agricultura, maior nos homens, bem como quando eles perceberam sua importância na procriação, o que conduziu à imposição masculina, à supremacia perante as mulheres.

**Palavra-chave:** matriarcado, patriarcado, mulheres.

**ABSTRACT:** *The study aims to establish a comparison between the periods of Matriarchy and Patriarchy in societies, highlighting the reversal of roles, since the first period of History, the domain was female and in the second phase, there was the subjugation of them depending on their empowerment, more precisely, from the Middle Ages, with the powers conferred by the Church to men than women. The Witch hunt was the most disgusting period of history, as the Church itself allowed and sponsored women torture sessions, because of a possible link with the devil. This study presents the results of qualitative research, guided by the deductive method and based on the literature review on the topic. The results give the proposal the study, concluding that the companies only no longer have matriarchal orientation, due to the need of physical strength for war and for agriculture that, in men, is higher, and when they realized its importance in procreation, which led to male laying, on the supremacy to women.*

**KEY WORDS:** *matriarchy, patriarchy, women.*

### **1 INTRODUÇÃO**

A ideia de contemplar uma análise comparativa entre o matriarcado e o



patriarcado é importante na medida em que analisa a condição da mulher desde as épocas mais remotas até a atualidade. É sabido que, no início dos tempos, a mulher representava o poder central, sendo considerada, também, como um ser sagrado. Não havia divisão entre os sexos, porém, é do conhecimento dos estudiosos que os homens viam-se como seres marginalizados, já que não conheciam a capacidade de procriação. Porém, com o passar do tempo, a coleta tornou-se escassa, o que sugeriu a caça a animais de grande porte. Do mesmo modo, as guerras foram se tornando essenciais e, para tal, necessária a força física dos homens, período a partir do qual viu-se o florescimento da supremacia masculina, com o domínio de sua função biológica para a reprodução.

O que passou a existir, a partir de então, foram os casamentos e, com eles, o subjugo da mulher em relação aos homens, já que elas passavam a ser propriedade deles. Surgiram as famílias, as aldeias, as cidades, os Estados, os impérios sempre com cunho patriarcal. Nesse contexto, os filhos homens eram sempre bem-vindos em relação às filhas mulheres, porque representavam mão de obra para as lavouras e soldados para as guerras (COULANGES, 2000), enquanto as mulheres eram responsáveis pelos lares, pelo âmbito doméstico, apenas. Aliás, a época exigiu o controle do homem sobre a mulher, também

no que se referia à sexualidade, atribuindo-se ao sexo todo o pecado e todo o mal. Assim, os papéis foram invertidos.

Na Idade Média, as mulheres tiveram acesso à literatura e às artes, por serem atividades não interessantes aos homens, já que menos viris. No entanto, no século XVIII, com o advento da chamada Caça às Bruxas, a Santa Inquisição efetivou milhares de execuções de mulheres.

No século XIX, surge um novo discurso filosófico sobre a mulher. Com as manifestações contra a discriminação feminina e a luta pelo direito ao voto, acontecimentos que prevêm uma melhoria na perspectiva da forma de viver das mulheres (RODRIGUES, 2016, p.5).

Assim, inúmeros pensadores ainda com ideias arcaicas, como por exemplo, conceber a mulher como posse ou propriedade, mantendo-a sob servidão “ e que só então se realiza” (NIETZSCHE, 1992, p.143), vindo a acarretar sua não aceitação. Rodrigues (2016, p. 5), aduz que o “preconceito às mulheres, evidenciado por vários filósofos” contribuiria para sua “não aceitação no espaço público, protelando o acesso às oportunidades”.

Nesse sentido, tem-se que

valores e discursos vão se alterando, no século XIX, ampliam-se a reflexão sobre as mulheres, permeada pelo direito, a igualdade e a busca da emancipação, principalmente com a invenção do feminismo, cujo maior destaque será no século XX (RODRIGUES, 2016, p.5).



Assim, no século XX, acontece uma disseminação do movimento feminista, vindo a se espalhar pelo mundo com diversas e importantes manifestações (PITANGHY, 2001). No mesmo sentido, a lição de Rodrigues (2016, p.6):

No século XX, o movimento feminista se espalhou pelo mundo com manifestações como: queima de sutiãs em praça pública e libertação da mulher com a criação da pílula. Multiplicaram-se as palavras de ordem: “Nosso corpo nos pertence!” “O privado também é político!” “Diferentes, mas não desiguais!”

Martini (2016, p. 4) ensina que nos séculos XX e XXI, a sociedade passou a abordar com maior leveza a temática de gênero, o que foi fruto dos movimentos feministas que alforaram.

O sexo feminino passa a ser visto com outro olhar, a mulher passa ser tratada com mais respeito, mas, no meio em que elas estão inseridas é bem difícil pensar em respeito, dignidade, liberdade e igualdade. Em todos os cargos que elas assumem, nas mais diferentes profissões, a relatos de discriminações, tanto no salário quanto no trabalho por elas exercidos.

Assim, pode-se perceber que falta muito para o alcance do tão sonhado equilíbrio entre gêneros, pois em sociedades machistas, com valores enraizados entre tantas culturas, que tem o homem como provedor, resta difícil efetivar tais conquistas.

## **2 O MATRIARCADO E A CENTRALIDADE DA MULHER NA VIDA DA COMUNIDADE**

No período chamado matriarcado, a centralidade da mulher na vida da comunidade não podia ser negada. Só ela tinha o poder de produzir e nutrir a vida. Sem ela, a nova vida extinguir-se-ia. Pode-se compreender que naqueles tempos, as mulheres possuíam papel de grande relevância no seio da sociedade. Nesse norte, Cabot (1992, p. 22), explica que “num tempo em que o papel masculino na concepção não era entendido, ou só vagamente entendido, o corpo da mãe era visto como a única fonte de vida, assim como a Terra era a única fonte de vida biológica”. No mesmo sentido, Beauvoir (1970, p. 184), leciona que mesmo “depois de destronada a Grande-Mãe, o homem continua a render um culto às deusas da fecundidade”.

Nos primeiros anos do século XX, o arqueólogo Arthur Evans descobriu as ruínas de uma cultura perdida na cidade de Cnossos, na ilha de Creta. As pinturas e os artefatos por ele encontrados descreviam uma cultura amante da paz, alegre, festiva e sensual, em que as mulheres detinham posições de honra e poder, sendo os homens subservientes e, presumivelmente, com *status* de segunda classe. No começo, os investigadores pensaram que a cultura minóica de Creta era uma espécie de acidente feliz, mas excepcional. Entretanto, no Mediterrâneo oriental foram desenterradas outras cidades<sup>1</sup> que refletiam uma organização matrifocal semelhante à de Creta (CABOT, 1992).

<sup>1</sup> Na Anatólia (Turquia atual), as cidades de Catai Hüyük, Mersin, Hacilar e Ala-lakh também eram culturas matrifocais da Deusa. No outro extremo do Mediterrâneo, Marselha e Siracusa eram centros de culto da Deusa, e talvez o mais famoso de todos estivesse em Éfeso, na Grécia (CABOT, 1992, p. 32).



Com base nos relatos arqueológicos, nota-se o papel da mulher nas sociedades antigas, podendo-se afirmar que elas desempenhavam tarefas importantes nos templos. “O papel da mulher na manutenção ritual do fogo prosseguiu através dos séculos, como se comprova nas virgens vestais de Roma e nas monjas irlandesas de Santa Erigida, em Kildare” (CABOLT, 1992, p.35). Esses grupos alimentavam fogos sagrados até a época de Henrique VIII (COULANGES, 2000). Também nas sociedades célticas, as monarquias hereditárias eram matrilineares, o que significa afirmar que os descendentes das mulheres herdavam o trono, assim como os “chefes do sexo masculino eram eleitos temporariamente, enquanto as mulheres serviam como advogadas, juízas, filósofas, médicas e poetas” (CABOLT, 1992). As chamadas Leis Brehon eram transmitidas na sociedade céltica irlandesa desde a Pré-história e, através delas foi possível conhecer o *status* das mulheres, as quais eram assegurados inúmeros direitos, como por exemplo, a retenção da propriedade privada pela mulher divorciada, a retenção do dote ofertado ao marido por ocasião do casamento e o direito da esposa de exigir a riqueza do marido (entre um terço à metade dos bens) (CABOLT, 1992, p. 43).

As mulheres detinham a hegemonia política: mediavam e solucionam os conflitos e organizavam as sociedades. Eram responsáveis pelo bem comum do clã na vida e na morte (...). O culto ocupava lugar central na vida dos primitivos habitantes da Terra. Quanto a tal aspecto, a figura feminina estava no

centro da crença na época, e a divindade cultuada era a grande Deusa-Mãe, fonte de toda a vida na Terra. Sendo que os vestígios paleolíticos revelam que o feminino ocupava um lugar primordial” (MONTEIRO, 2008, p.17).

Também na Ilha de Malta foram evidenciados achados arqueológicos dando conta da existência do culto às chamadas damas gordas. Inúmeras estatuetas femininas eram adoradas e inspiravam a religião fundada no culto à deusa-mãe. Além dessas passagens, a História evidencia, ainda, a sociedade minóica, cujos afrescos revelam a importância conferida à mulher, que exercia funções religiosas, administrativas e políticas. Os minóicos eram pacíficos e acreditavam que os deuses governavam tudo e a mulher era fundamental para garantir a pacificação social. Já na cultura grega, as mulheres foram guerreiras e líderes na sociedade, além de conseguirem adestrar cavalos com facilidade e também cavalgá-los.

### **3 O PATRIARCADO COMO TEORIA DISCRIMINATÓRIA**

O patriarcado foi, sem dúvida, a mais importante teoria concebida para explicar o contexto de discriminação suportado pelas mulheres. Nessa teoria, afirma-se que as sociedades são patriarcais, na medida em que os homens detêm poder sobre as mulheres, o que se traduz em uma relação de hierarquia entre o masculino e o feminino.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

*Esta articulación jerárquica es la causa de la discriminación de las mujeres y de su inferioridad política, social y económica. El sistema patriarcal, asentado en la estructura social, permite la producción y reproducción de esa realidad discriminatória. La familia fue identificada como la institución patriarcal por excelência y la base social del patriarcado. (ASTELARRA, 2009, p. 12).*

Desde o Cristianismo, os primeiros teólogos cristãos tinham uma posição de repúdio contra as mulheres. Dentre os poderosos, aparecem os nomes de Clemente de Alexandria (150-215), defendendo que as mulheres deveriam se envergonhar de sua própria natureza se tivessem consciência dela. Com discurso semelhante, Tertuliano (160-225) considerava as mulheres “a porta do Diabo”. Os cristãos hostilizavam as mulheres caracterizando-as como nefastas e diabólicas, e consideravam a virgindade como grande virtude cristã. Agostinho de Hipona chegou a questionar “por que razão a mulher foi sequer criada?” considerando sua nítida inferioridade em relação ao homem. a partir disso, é possível conjecturar que a Igreja Católica talvez tenha sido a instituição que maiores atrocidades praticou contra a mulher (MONTEIRO, 2008, p.25).

Tanto isso é verdade, que em 1484, a Igreja publicou o livro *Malleus Maleficarum*, que se tornou conhecido como Martelo das Bruxas. Nesse livro, tido como Santo Manual da Inquisição, as mulheres eram apontadas como

fontes carnis de todo o mal. Seguindo as ordens da Igreja, os homens infligiam, de forma sádica, torturas horrendas a milhões de mulheres, tidas como bruxas. Nessas “(...) perseguições bárbaras a mulheres, a maioria delas acabou sendo condenada à dor excruciante da morte lenta na fogueira”. (MONTEIRO, 2008, p.27).

No entanto, seguiam procedimentos ordenados e legais, sendo a chamada “caça às bruxas” campanhas iniciadas, financiadas e executadas pela Igreja e pelo Estado. Para os referidos procedimentos, havia um tribunal eclesiástico do Santo Ofício, que julgava e torturava as mulheres em busca de confissões e, após, era pronunciada a sentença. A mulher que se mostrasse insensível às dores da tortura, era considerada bruxa e seu corpo era dilacerado membro a membro, se não confessasse a menor parcela da verdade buscada pela Igreja”, sendo que, uma vez “obtida a confissão, as bruxas eram estranguladas e, após, queimadas. As que se diziam inocentes, não confessando mesmo após toda a tortura sofrida, eram queimadas vivas” (MONTEIRO, 2008, p. 428-9).

Com o advento do Renascimento, ocorreu a ressignificação do feminino e da beleza da mulher, sendo que ela passou a ser vista e admirada, tornando-se “o principal polo da poesia, a substância da obra de arte”. Essa visibilidade da mulher alcançou proporções



de perfeição, beleza e sabedoria, aquilatada como meio de elevar-se a Deus. Segundo Monteiro (2008, p. 31), desse enobrecimento divino da beleza sensível, saiu a sagração do belo sexo. Nesse sentido, o Renascimento foi o terreno fértil para o surgimento de mulheres notáveis, de personalidade forte, que lutavam com as armas que tinham contra a exclusão social das mulheres, e por sua inserção no espaço público.

A partir desse contexto, as mulheres foram para as ruas para empreenderem luta por seus direitos. Olympe de Gouges, à frente de um grupo organizado de mulheres, insurgiu-se contra a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, que foi o embrião de um modelo de cidadania que excluiu as mulheres e que influenciou todo o Ocidente. Essa feminista de vanguarda redigiu, em 1791, a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, que é inclusiva e que prevê a presença de homens e mulheres na sociedade e na política (ASTELARRA, 2009)).

É possível afirmar que a partir da segunda metade do século XX, a humanidade presenciou a revolução das mulheres, sem precedentes na História, e que causou profundo impacto sobre a sociedade, uma vez que “havia terreno fértil para o florescimento da nova mulher, partícipe do cenário político, social e cultural”. Assim, “nenhuma revolução social de nossa época foi tão

profunda, tão rápida, tão rica de futuro quanto a emancipação feminina” (MONTEIRO, 2008, p. 36).

O conceito de patriarcado é muito antigo. Desde Engels (1884) e Max Weber (1947) já foram verificadas referências ao patriarcado como o mais antigo sistema de dominação do mundo, um sistema de poder e, portanto, de domínio do homem sobre a mulher. Romero (2009) afirma que há manifestação e institucionalização do domínio masculino sobre as mulheres e, também, sobre as crianças da família. Esse domínio tem reflexos sociais, de modo que os homens exercem poder nas instituições importantes da sociedade e privam as mulheres do acesso a essas instituições.

Mendes (2012, p. 102), por sua vez, leciona que

o patriarcado é um sistema que justifica a dominação sobre a base de uma suposta inferioridade biológica das mulheres, que tem origem na família, cujo comando por milênios foi exercido pelo pai.

Esse contexto se projeta a toda a ordem social. É de se notar que o referido poder é sustentado por instituições da sociedade que se articulam para manter e reforçar a ordem social, econômica, cultural, religiosa e política, contexto esse que determina que as mulheres sejam subordinadas aos homens, o que não afasta a possibilidade de algumas das mulheres se sobressaírem perante outras e



perante os próprios homens, detendo algum poder ou, até mesmo, muito poder. Essa conformação admite, ainda, que todas as mulheres exerçam certo tipo de poder (MENDES, 2012, p. 102).

Desse modo, é possível, então, admitir que o patriarcado encontra fundamentos que residem no domínio do homem através da violência contra a mulher, institucionalizada e permitida pela família e pelo Estado.

Ainda que se possa admitir existirem homens em relação de opressão no sistema patriarcal, as mulheres, em cada um dos grupos oprimidos, mantêm uma relação de subordinação frente ao varão. Isso porque, no patriarcado as justificações “que permitem a manutenção do domínio sobre as mulheres tem sua origem nas diferenças biológicas entre os sexos que são lidas em termos de superioridade de um sexo sobre outro (MENDES, 2012, p. 103).

Por fim, é permitido sinalar que as desigualdades entre os homens e as mulheres não têm uma origem natural, mas sim, social, não se devendo buscar as causas do patriarcado na natureza ou na biologia dos seres e, sim, na ordem social. Astelarra (2009, p.20) ensina a manutenção da mulher em situação de inferioridade perante o homem é ratificada nas relações de trabalho, em que eles são considerados por suas atuações trabalhistas e, elas, discriminadas por não realizarem exercícios laborais fora do lar. Ao mesmo tempo, o trabalho no recesso do lar,

não “visível” traduz-se em foco de patologias como depressão, alcoolismo, neuroses, o que, em última *racio*, traduz-se em forma de dominação. No entanto, a sociedade diz valorizar tanto os homens como as mulheres nos espaços públicos e privados, porém, a realidade é que os homens impuseram-se socialmente, enquanto as mulheres se convertem em caráter de “invisibilidade”.

O desenvolvimento das cidades ocidentais esteve associado ao processo de industrialização e de construção do Estado moderno, o que conduziu à divisão sexual do trabalho e da família, supondo nova organização social, em que homens e mulheres já não compartilhavam da vida familiar, firmando-se nos espaços sociais e laborais, enquanto as mulheres dedicaram-se, exclusivamente, à vida doméstica, aos cuidados com a Família, sem atuação nos espaços sociais (ASTELARRA, 2009).

Essa forma de divisão sexual do trabalho, de cunho eminentemente patriarcal, sobrevive parcial ou totalmente até os dias atuais, exercendo importantes consequências nas relações sociais que homens e mulheres desenvolvem (ASTELARRA, 2009). Dessa forma, as personalidades de homens e mulheres têm sofrido adequações, no sentido da mudança de paradigma, em que as mulheres tentam, sob a forma de associações, organizações e mobilizações lograr espaços



sociais, nos quais possam evidenciar-se, em prol da erradicação das desigualdades e da discriminação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar que durante a vigência do matriarcado, as sociedades viviam sem conflitos de grande vulto, conforme a lição de Cabot (1992, p.34). O amor da mãe é incondicional, o que engendra boa vontade. As antigas culturas baseadas no amor materno, com ritos religiosos homenageando a Deusa Mãe teriam sido sociedades pacíficas baseadas na confiança. No entanto, o patriarcalismo organizou-se em torno da guerra, baseando-se em valores violentos, militaristas e guerreiros. A guerra cabia aos vencedores e os guerreiros podiam violentar e raptar mulheres, roubar crianças e escravizar prisioneiros. Nesse contexto, o *status* das mulheres era comparado ao dos escravos e os costumes sociais mudaram para refletir as novas estruturas sociais, tornando a mulher subserviente ao homem seu marido e proprietário, assim como dono dos bens da mulher.

Com o patriarcalismo, os homens foram elevados a um plano dominante nos âmbitos social, econômico e político. “As instituições, as leis, os valores e os costumes sociais refletiram o mito da superioridade masculina”

(MONTEIRO, 2008, p. 204), sendo a história feminina marcada pela dominação masculina e pela negação de direitos. O que vivenciou, desde então, foi o subjugo feminino em relação aos homens, negando-se-lhes a igualdade de oportunidades e de participação da vida social, além de lutar pelo “direito à diferença, sem hierarquia e pelo reconhecimento da identidade feminina”, já que a mulher é sujeito de direitos, podendo afirmar sua liberdade e sua responsabilidade, fazendo jus a seus direitos de liberdade e igualdade.

#### REFERÊNCIAS

- ASTELARRA, Judith. Veinte Años de Políticas de Igualdad. In: *Feminismos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Vol. I, Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0BJhFgnzi0XKLXVVVIUyeTRDTlk/edit?pref=2&pli=1> Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.
- \_\_\_\_\_. *O segundo sexo*, vol. II Disponível em: <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409680.pdf> Acesso em: 10 de fevereiro 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. *Le Deuxième Sexe*. Paris: Gallémard, 1949.
- BOLZAN, Liana de Menezes. *Onde estão as mulheres?* A homogeneização da atenção à saúde da mulher que faz uso de drogas . Disponível em: [Texto%2BCompleto-0.pd](#) Aceso em: 2 de fevereiro de 2016.



CABOLT, Laurie. *O Poder da bruxa: a terra, a lua, e o caminho mágico feminino*. 4 ed., Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Saharasia: a passagem da cultura matriarcal desencouraçada para a cultura patriarcal encouraçada. In: *Encontro Paranaense*, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, XVII, XII, 2012. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: 08/03/2016.

FARIAS, Angela Carla de ; FERNANDEZ; Osvaldo. *Corações Doentes: Uma análise da construção cultural do papel da mulher e sua utilização nos processos de crimes passionais*. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2012/04/Coracoes-Doentes-Uma-analise-da-construcao-cultural-do-papel-da-mulher-e-sua-utilizacao> Acesso em: 2 e fevereiro de 2016.

KRAMER, Heinrich; SPENCER, James . *Martelo das Feiticeiras- Malleus Maleficarum*. Rio De Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

MARTINI, Méry Teresinha. *Mulheres do século XXI: conquistas e desafios do lar ao lar*. Disponível em; <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Mary-Terezinha-Martini.pdf> Acesso em ; 17 de abril 2016

MENDES, Soraia da Rosa. *(RE)Pensando a Criminologia: Reflexões sobre um novo paradigma desde a epistemologia feminista*. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11867/1/2012\\_SoraiadaRosaMendes.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11867/1/2012_SoraiadaRosaMendes.pdf) Acesso em: 02 de fevereiro de 2016.

MONTEIRO, Christiane Schorr. *As conquistas e os paradoxos na trajetória das mulheres na luta por reconhecimento*- Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp098527.pdf> Acesso em: 2 de fevereiro de 2016.

NUNES, Aparecida Maria. *Uma história mal contada: A imagem da mulher nas publicações populares*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP17NUNES.PDF> Acesso em : 2 de fevereiro de 2016.

UNESP. *Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília - Mulheres: A violação dos direitos ...* disponível em: [www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/download/.../1888](http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/download/.../1888) Acesso em: 2 de fevereiro de 2016.

RODRIGUES, Valeria Leoni. *A importância da Mulher*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf> Acesso em: 17 de abril 2016.

ROMERO, Sonia Mara Thater. *Gestão da diversidade de gênero nas organizações: estudo de casos múltiplos sobre homens e mulheres iguais nas desigualdades*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SILVA, Tayla de SOUZA. *O feminino encarcerado: da violência patriarcal à violência institucional*. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/35577/81.pdf?sequence=1> Acesso em: 2 de fevereiro de 2016.

SARTOTI, Rodrigo Alessandro. *A luz e as trevas: os aspectos históricos, políticos e jurídicos da inquisição na idade moderna*. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/30622-32425-1-PB.pdf> Acesso em: 2 de fevereiro de 2016.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

PIOVESAN, Flávia. *A Proteção Internacional dos Direitos Humanos das Mulheres*. Disponível em;  
[http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj\\_onli](http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_onli)

ne/edicoes/revista57/revista57\_70.pdf Acesso em; 2 de fevereiro de 2016.



---

1 Na Anatólia (Turquia atual), as cidades de Catai Hüyük, Mersin, Hacilar e Ala-lakh também eram culturas matrifocais da Deusa. No outro extremo do Mediterrâneo, Marselha e Siracusa eram centros de culto da Deusa, e talvez o mais famoso de todos estivesse em Éfeso, na Grécia (CABOT, 1992, p. 32).